



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO I — N.º 51 — LISBOA, 7 DE MAIO DE 1942 — PREÇO: 1 ESCUDO

NO COLÉGIO MILITAR, simpático estabelecimento de ensino, têm-se formado, nos seus 139 anos de existência, gerações e gerações de homens. São estes rapazes que amanhã irão desempenhar lugares de relevo nos vários sectores da vida pública portuguesa.

ALCALDA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

PREGUNTO-ME você, minha boa amiga, se era feito uma senhora fumar diante de gente—depois de me ter dito que lá fora as mulheres fumam por toda a parte. Um cigarro distrae e alegria. Se o seu espirito e a sua boca aceitarem agradavelmente um bout-rouge perfumado—não lho negue. Tem apenas—sem ser necessário que lembre à sua gentileza—de pedir licença aos homens que não fumam. Concedida esta licença, coisa alguma a impedirá, minha excelente amiga, de se recostar na sua cadeira, curvar a perna, chapar o seu cigarro—e queimar deliciosamente os dedos. Uma coisa me permito aconselhar-lhe: não ofereça os seus cigarros a todos os homens que viem abrir a sua cigareteira de prata cistilante como uma jóia. Há fumadores incogitativos destas deliciosas cigaretes que só as mulheres possuem. Não. Escolha os homens a quem abre o seu coração—perdo...—a sua cigareteira. E para mais esclarecimentos, aqui fica cigareteiramente no seu dispor o

L. O. G.

DOMADORES

CERTO domador que esteve em tempos no Coliseu dizia-me uma vez, com a maior naturalidade do mundo—Tem-se conseguido mais ou menos domesticar todas as feras—excepto as sogras.

CHAPÉU DE CÓCO

O conhecido poeta João Maria Ferreira (cujo último livro *Verbas* do meu oceano está fazendo as delicias de algumas meninas românticas) apareceu, há dias, no Chiado ostentando um opulento chapéu de cóco. Foi numerosa e efusivamente cumprimentado.

O BIGODE DE ARMANDO FERREIRA

ENCONTRAMOS ontem Armando Ferreira e verificámos que o humorista da Glória estava a deixar crescer o bigode.
—Então, de bigode?—não hesitámos em atrair-lhe à cara.
Logo ele com o melhor sorriso do mundo:
—Que querê você? É necessário poupar...

A -VOZ- E O THEATRO

A -Voz abriu nas suas colunas um inquérito sobre os males e os remédios do teatro em Portugal. Excelente ideal! Mas mais excelente seria ainda se, em vez de abrir um inquérito—abrisse um teatro!

JOAQUIM PAÇO DE ARCOS

O autor festejado da *Ans Paula* enviou-nos a segunda edição do seu livro *Diário dum Emigrante*. Mais uma vez o leitor com vivo interesse. Na impossibilidade material de transcrevermos este *Diário*, transcrevemos uma pequenina amostra do próprio *Diário* íntimo de Joaquim Paço de Arcos.
25 de Abril de 1942—É posta à venda a segunda edição do meu «Diário dum Emigrante».

AMELIA RAINHA COLAÇO



Certa tarde de Maio viçoso e jardineiro,
Feliaberto Jordão de Robles Monteiro
Pedi a mão de Amélia, filha de Rey Colaço.
Pra unir dians alguns num amoroso abraço.
Linda tarde de sol! Uma alegria louca
Dir-se-ia palpitar, serzindo, em cada boca.
Dois artistas se uniram no arte e no amor
Como um flor que amosse, amando, outra flor.
Na sala perfumada concorde e vermelha
Servi-se chá dourado em grande China velha,
Dançou-se o minuete no som de violinos
Tocados, com doçura, por velhos lraides trinos,
Nas rvoandas do jardim — um jardim d'Epicuro
Os rouvados cantaram um hino casto e puro.
E foi então — encanto! — que Amélia Rey Colaço
Alistando-se, um pouco, com Robles p'lo braço
Lhe disse ao ouvido, num galanteio espetto:
— Agora sim, amor, é que vais ser Feliz... Bert!

(Versos recitados por Robles Monteiro no Teatro de D. Amélia)

26 de Abril—Em comemoração da saída da segunda edição do meu «Diário dum Emigrante» houve hoje feriado em todo o país.
27 de Abril—A Parceria António Maria Pereira anuncia que se esgotou a segunda edição do «Diário dum Emigrante».
28 de Abril—Safu a terceira edição do «Diário dum Emigrante».
29 de Abril—Deposito no Montepio

150 contos de direitos do meu «Diário dum Emigrante».
30 de Abril—António Maria Pereira compra um paléto nas Avenidas Novas com o produto da edição do meu «Diário dum Emigrante».
7 de Maio—A segunda edição do meu «Diário dum Emigrante» vem referida hoje na «Alcalda da Glória», a célebre página da *Vida Mundial Ilustrada*. Consagração máximal!

PACIENCIA AO MÁXIMO

ALVARO de Andrade desfechozou-nos antes de ontem à quinta-roupa:
—Sabes qual é o cúmulo da paciência?
—Não.
—É uma pessoa debruçar-se num poço, gritar para baixo Adão! e esperar que respondam do fundo do poço «Aurora!»

HISTÓRIAS DA GUERRA

SUCEDEM-SE, entre nós, as *Histórias da Guerra*. Da actual. Saíem aos fascículos—ou em sucessivos volumes. Vamos também lançar a nossa—em comprimidos...

MONÓCULOS

TENTOLI, há dias, suicidar-se, atirando-se do olho do seu proprietário para o olho da rua, o monóculo de Carlos Selvagem.
Desesperos de cristal!

O -RECORD- DA NATAÇÃO

ÊSTE «record» em Portugal foi atingido pelo ilustre engenheiro Silva Dias, director dos serviços de produção da Emissora Nacional. Na verdade, este excelente «sportsman» passa o dia inteiro entre as ondas...

DISPÉPTICOS

O dr. Luiz Lopes Navarro, ajudante do Procurador Geral da República e um dos nossos mais astutos dispépticos, está todas as tardes no Chiado à porta da «Marques». Desde que os médicos lhe proibiram comer doces—resigna-se a chirá-los, da porta...

PROPAGANDA

FOI nomeado director do secretariado da sua própria propaganda a distinto actor Carlos Leal.
Os nossos parabéns.

ELEIÇÕES

REALIZOU-SE há dias a eleição dos mais assíduos frequentadores da porta da livraria *Portugália*. Os eleitores eram todos os que por ali costumam passar. A votação recaiu no conselheiro Teixeira Direito, que ficou eleito. Damos alguns resultados do acto eleitoral:

- Conselheiro Teixeira Direito 1.035 votos
- Dr. Guerreiro Murta 987 >
- Dr. Newton de Macedo 975 >
- Dr. Carlos Babo 778 >

APRIGIO MAFRA

APRIGIO Mafra fazia a reportagem dum inóculo. Um polícia impedia-lhe absolutamente a passagem.
—Se o senhor polícia soubesse quem eu sou não me impedia a passagem.
—Mas quem é o senhor?
Logo Aprigio Mafra:
—Sou o «Mismas»!
—Ah! Fava favor de passar...

Luiz S. Oliveira



...o Prof. Dr. Bessaia Barreto, grande figura do ensino universitário e da medicina portuguesa que tem, em Coimbra, uma obra admirável de beneméritos e carinhosas realizações, e foi recentemente homenageado, como um dos melhores portugueses de hoje, pelo escritor belga Pierre Goemere na sua galeria «Les Grands Contemporains» — (Caricatura de Cândido Costa Pinto).

FIGURAS DA VIDA NACIONAL

O PROF. DR. BESSAIA BARRETO, grande figura do ensino universitário e da medicina portuguesa que tem, em Coimbra, uma obra admirável de beneméritos e carinhosas realizações, e foi recentemente homenageado, como um dos melhores portugueses de hoje, pelo escritor belga Pierre Goemere na sua galeria «Les Grands Contemporains» — (Caricatura de Cândido Costa Pinto).

Vida MUNDIAL

Como eu vi Stafford Cripps

UMA CRÔNICA DE AGUSTO FRAGA

RAROS são os homens que conseguem transformar o tempo em factor de estabilidade e nitidez na memória pública. Há nessas vidas transbordantes, a acção ou a idêia que resiste à experiência do futuro como testemunho dos seus efeitos. É o caso de Stafford Cripps, nesta hora que bate nos relógios dos destinos da humanidade. Cripps ficou como uma figura histórica — desta história que se tornou quotidiana passando o extraordinário a constituir o acontecimento de cada instante. Nos jornais, principalmente, é que vemos o reflexo instantâneo dessa dramática riqueza do factor histórico da actualidade. Quem abre os jornais, durante o dia, sabe de antemão que algo de excepcional lhe palpitará diante dos olhos num telegrama ou num título de letras gorratas.

Éra essa, exactamente, a sensação que eu levava de sir Stafford Cripps. Fazia dele a idêia de um homem desta época contemporânea, cuja curva se desenvolve sob o nosso próprio rai visual. Um homem que tem a noção certa que

vivemos um momento único de uma era, cujo traço marcante dos seus dias é este: a história bruta de cada hora que passa numo germinação espontânea. Sob tal aspecto é possível que o momento histórico universal, não encontre paralelo na confrontação com outros épocas. Os tempos, êsse tecido impalpável sobre o qual os homens, os povos e as raças deixam os sinais da sua duração e os vestígios de paixões e sofrimentos colectivos, variam ou mudam, porque cada período tem fisionomia própria. Há tempos pobres de poesia ou de história como existem outros ricos desses substâncias de que se nutrem a coraçã, a inteligência e o espírito dos homens nas contradições da sua existência.

A vertigem dos acontecimentos revelou Stafford Cripps, que parecia condenado a defender na obscuridade, os seus ideais de humanidade. A revelação, porém, foi rápida e ele próprio deu-me a impressão de que não estava ainda «bem em si» com a que lhe tinha acontecido. Se é certo que os povos têm o instinto infalível, que misteriosamente os guia na escolha e na consagração dos chefes, Cripps nunca deve ter acreditado no seu êxito político — êxito que

êle julgava limitado às muitas classes trabalhistas da Inglaterra, é certo, mas que não poderiam meter medo aos homens da «City», menos numerosos, mas mais poderosos...

Com seus cabelos em desalinho, como o vi surgir no aeroporto de Cabo Ruivo, àquela hora adiantada da noite, mais parecia um secretário de qualquer politico — do que o homem mais discutido em Inglaterra neste momento. Alto, esguio, tinha o mesmo ar de ingenuidade primitiva — vestígio talvez de um agradável excesso de civilização — de tantos outros compatriotas seus. Se Wendell Willkie me deu a impressão de um «businessman», que conheço na ponta da língua todos as complicadas leis de câmbio, desprezando os que obrotam o memória de idêias desprovidas de algarismos, Cripps deixou-me gravada a imagem de um daqueles homens que se limitam a estudar nomes de bobelotas ou a classificar logaritmos. Desacompanhado, mãos nos bolsos, uma pequena ponta de cigarro no canto da boca e que saboreava com prazer inefável, parecia um pobre homem cuja miséria se resolvia no cérebro. Na sua aparência exterior, estava longe das que são bafejados de pelos duríssimos do sabedorio instr-

tivo das colectividades, dos acontecimentos que lhes exigem as chaves da ascensão e lhes desvendam o segredo da acção e da vitória, nos momentos decisivos do destino. Aquele desbotado casaco de Flanela azul não estava de acordo com o alta missão que lhe fora imposta e da qual regressava com a consciência tranqüila, como se houvesse conferenciado com os chefes indianos em traje de cerimônia, com fraque e chapéu alto.

Fiquei com a convicção que estava em presença de um homem de energia silenciosa, de moderação sem fraqueza, de paciência e coragem sem alarde. O contágio das doutrinas que êle defende, arreduz-lhe a exarcação de gestos partidários. O homem que soube interpretar as reacções e as aspirações das classes trabalhistas da Grã-Bretanha, que decifrou o sonho confuso, modelando a idealista primária de muitos outros trabalhistas ingleses, conciliando a substância viva da tradição com a fataldade das metamorfoses colectivas, inelutáveis, num mundo em busca de novas fórmulas de equilíbrio, não sabia afanar-se da missão que o destino lhe reservou — ainda que ela não tivesse sido revestida, totalmente, de êxito.

Para mim, que sempre idealizei que um govêrno seja um palco de mágicos diante de platéias impacientes, Cripps não me pareceu capaz de realizar tudo o que é deêdo esperar do arte dos prestigeadores. Cripps estava ali, defronte de mim conversando cômico como se jô já conhecessemos há muito tempo. Foi-me sem attitudes de praça pública ou de porta de fábrica. E isso desiluiu um pouco a minha expectativa. Bem humorado, disse-me «que havia cortado as relações com a Imprensa na conferência de Delhi, onde o obrigaram a responder a mais de quinhentas perguntas». E, habilmente, furtou-se a qualquer declaração nova sobre a situação da Índia — dessa Índia que a Grã-Bretanha teme ver armada para que não se volte o feitiço contra o feiticeiro. Cripps não disse — mas eu adivinhei no seu silêncio — que mesmo que a Inglaterra conseguisse assegurar-se dos partidos nacionalistas indianos para a defesa do fronteira das Índias, concedendo o estas o autonomia na base do estatuto de Domínio, a dominação britânica periclitaria se passasse as mãos das autoridades nacionalistas. É perspectiva que não sorri aos ingleses pois se perdessem a Índia perderiam três quartos do seu Império.

Para a minha sensibilidade exuberantemente latina, o seu pacífico «hoou-me», mas não deixou de convir que Cripps é o prototipo do governante britânico: um homem frio, impassível, modesto, rotineiro, sem brilho exterior nem nenhuma vivacidade. Pitt, Grey, Palmerston, Gladstone fixaram um tipo de estadistas que se parece com os conservadores e, no fundo também, com os liberais. Stafford Cripps filia-se neste gênero. Diferente de Churchill, que está mais perto de nós pelo seu espírito de aventura, seu excesso de temperamento, sua inquietude espiritual, Cripps deixou-me a impressão de um modesto professor de Oxford, sempre longe do mundo ao qual não faltavam ares plácidas nem mesmo óculos de aros finos...

E porque me recordo aquela inesquecível imagem de Mr. Chips, que o cinema me legou, cheio do mais puro, intenso e vasto ideal humano, não pude fugir à graça fácil dêste trocadilho barto: «Good bye, Mr. Cripps!»



Sir Stafford Cripps, com Augusto Fraga, quando da sua recente passagem por Lisboa

O homem e a unidade internacional

General Giraud

"O Soldado da Vitória!"

Uma crônica de Carlos Ferrão

QUANDO a ofensiva da "Wehrmacht" se desencadeou avassaladoramente sobre os países ocidentais da Europa, o nome do general Henri Giraud gozava já de uma celebridade merecida. No lince como no maral, o homem era pouco vulgar. Alto, espadado, o olhar lírio e interrogativo, quando falava com alguém trazia, ao mesmo tempo, um temperamento ávido de negócios e de conhecimentos e um carácter de rija ténpera. Era um dos melhores produtos da escola militar francesa. A sua personalidade vigorosa andava ligada a uma lenda.

Não era apenas nos meios da especialidade que o conheciam e o admiravam. De uma forma geral, os franceses tinham pela sua figura um respeito que não excluía certo mistério. No meio dos seus pares constituía de certo, uma excepção rara. Quem se gabava, porém, de conhecer o seu pensamento profundo? Quem ousaria afirmar que alguma vez o ouvira revelar os segredos da sua profissão ou a intimidade das suas intenções? O público sabia, vagamente, que

ele era decididamente patriótico das ofensivas. Mas a ofensiva com que meios? Esse era o seu segredo. O Estado Maior como a nação francesa haviam colocado todas as suas esperanças por detrás duma barreira que consideravam inexpugnável. A linha Maginot era uma realidade e um símbolo. Uma ou outra vez erguia-se de vez em quando para clamar que a opinião estava clorotizada pela tranquilidade incompreensível dos técnicos. E logo todos os olhos se voltavam para Giraud. Era apenas o seu perfil atlético que justificava a aureola de bravura e de decisão que o nimbava? Giraud tinha uma tradição e tinha opiniões próprias. Era na primeira que pensavam os que confiavam na sua observação nos mais altos postos de comando. As segundas justificavam amplamente o que a seu respeito corria, fora dos meios restritos da profissão. Quando se debateu o problema da motorização do exército, Giraud foi dos que se pronunciaram, dentro do respeito pela hierarquia, a favor de uma solução nacional que não vingara.

Um capitão de suavos



O general Giraud com os oficiais alemães que o prenderam em Maio de 1940

**MORREM OS DENTES
ADOCEM AS GENGIVAS
nas bocas sem**



PARGIL
(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hálito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem**, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

O general Henri Giraud é um pariasse puro. Revelou sempre um amor ardente pela sua cidade. Escoute a profissão das armas e entrou cedo para Saint-Cyr. Nascido em 1880, de uma família modesta, a sua vida encetava a carreira militar a que devia consagrar-se rapidamente.

Em 1914, a guerra veio encontrá-lo com trinta e quatro anos, no posto de capitão. Bateu-se durante um espaço de semanas com uma bravura indomável e foi feito prisioneiro. Conduzido para o interior da Alemanha, passou a viver dominado por um pensamento único: a evasão. O regime dos prisioneiros de guerra era draconiano. Um prisioneiro que se evadisse era fonte preciosa de informações para o Lilligot. De resto, os seus guardas não tinham dúvidas sobre as consequências que a fuga de Giraud poderia acarretar. O seu olhar perscrutador penetrava as coisas e as intenções. Nenhum prisioneiro escapava à atenção vigilante daquele soldado que estalagava mentalmente um rosário de informações valiosas.

Os seus guardas perceberam imediatamente que se não tratava dum prisioneiro comum, mas de um capitão de suavos. Já as circunstâncias em que se realizara a sua prisão, depois de dado como morto no campo de batalha de Guise, eram de tal a chamar a atenção das atenções gerais. Formou-se entre as pessoas encarregadas de o vigiar estreitamente a convicção de que um homem da sua ténpera, inutilizado logo ao início das hostilidades, se não resignava a ocorrer a prisão como um facto consumado.

As suspeições aumentaram quando o capitão Giraud, padecendo de um sofrimento grave, requereu para ser internado no hospital militar. O pedido foi deferido; mas com o deferimento aumentou a vigilância em volta do

priso. Decorreram, assim, os meses de Setembro e Outubro daquêle ano dramático de 1914. A batalha do Marne, que se seguiu à batalha das fronteiras e à retirada de Charleroi, marcou o encontro. As pesquisas a que rapidamente procederam não conduziram a qualquer resultado. A fuga fôra maduramente premeditada e realizada com todas as cautelas.

A primeira fuga

Mas como poderia escapar-se, no meio das medidas de precaução de carácter geral prescritas pelas autoridades militares, um oficial francês que fizera em África uma parte da sua carreira e conhecia mal a língua alemã?

Certo é que o fugitivo nunca explicou com todos os pormenores a sua odineira. Soube-se, passado pouco tempo, que vagou durante quatro longos meses pelo território alemão e pela Bélgica ocupada até alcançar a fronteira holandesa.

De que distarces se serviu e que estratagemas teve de empregar para não ser recapturado? O capitão Giraud deixou que a fantasia dos seus amigos, entusiasmados com a proeza que acabava de realizar, dominasse o acontecimento que era, só por si, um tema cheio de interesse e de impre-

visão. Para elle bastava a satisfação de ter chegado a pôr de sauroamento.

Ainda assim contou que primeiro se deslocara de condutor de carros, utilizando os seus conhecimentos especificos da matéria e que assim conseguira escapar, durante algumas semanas, a perseguição de que era objecto. Quando esse diáspore se revelou inútil tentou para uma companhia de circo e andou de terra em terra, pondo os seus serviços à ordem dum empresário exigente. O capitão Giraud era um cavaleiro extinto; e conhecia profundamente a arte de amestrar cavalos. Foi nessa qualidade que conseguiu alcançar a fronteira e penetrar em território belga. Uma vez lá, as complicitades entraram de substituir a perseguição sistemática das autoridades naturalmente interessadas em o recapturar. Em poucos dias estava na Holanda. Invocou a sua qualidade de prisioneiro de guerra e pediu para embarcar, o mais rapidamente possível, num barco de carga que se dirigia para Inglaterra. O pedido foi satisfeito. Em Londres esperava um acolhimento caloroso. Ele ardia no desejo de regressar ao teatro de operações. Em França reconheciam que, além de méritos especificos, o capitão Giraud possuía um bagaglio de informações que podiam ser utilmente aproveitadas.

O soldado de África

Sucessivamente o Estado Maior francês e o Serviço Secreto confiaram-lhe as missões mais delicadas. Primeiro foi enviado para Constantinopla, onde serviu como perito no Estado Maior do general Fouchet d'Espèrey. As suas informações foram consideradas valio-

(Continua na pag. 13)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Balanço de dez meses de guerra

O fim de dez meses de guerra era possível ver, com certa clareza, no horizonte internacional. A primeira fase da luta devia considerar-se terminada. Fora inteiramente favorável para o Reich. Podia dizer-se, sem possibilidade de contestação, que este país se batia sozinho contra uma coligação formada pela Grã-Bretanha, pela França e pela

Polónia, que lhe era nitidamente superior pelo valor dos seus recursos e pela importância das suas possibilidades de toda a ordem. Apesar disso, o Reich ganhara a primeira mão da partida audaz que se ariscara a jogar.

Para êste resultado, tinham contribuído numerosos factores. O primeiro era a preparação militar, cuidadosa e metódica, que se iniciara entre os alemães logo em seguida à assinatura do tratado de Versalhes. Desde da tempos inquietos e divididos da Reichswehr negra, imaginada e preparada pelo general von Seeck, até ao estabelecimento, pelo nacional-socialismo, do serviço militar obrigatório, ao longo de quinze anos de dívidas e de amaldiçoada, a Alemanha vencida não deixara, um instante sequer, de pensar na derrota militar que tinha sofrido e de se preparar para a desforra.

Porante o seu dinamismo e a sua voluntariedade, encontrava a barreira frágil do doutrinarismo de Genêbra, o pacifismo dos seus adversários da véspera, a divergência de concepções que os separava. A Inglaterra continuava apegada à sua ideia tradicional dum equilíbrio entre as potências do continente; a França via todos os problemas internacionais pelo prisma da sua própria segurança. Estes pontos de vista eram inconciliáveis. A breve trecho, essa irreconciliabilidade traduziu-se por um estriamento intensivo das relações franco-britânicas.

Foi assim que o chanceler Hitler pôde realizar, vitoriosamente, a série de golpes diplomáticos que, sem o sacrifício de uma gota de sangue, lhe permitiram criar as condições para agir militarmente no momento próprio: ocupação da Renânia, anexação da Áustria, desmembramento da Checo-Eslóvaquia, transformação d'êste país num protectorado alemão, incorporação de Memel no território do Reich. Quando, no outono de 1939, surgiu a questão de Dantzig, pode dizer-se que a Alemanha nacional-socialista realizara todos os objectivos que era possível alcançar sem recorrer à prova suprema da guerra.

A VANTAGEM DO REARMAMENTO

Que se passara entretanto? Os quadros de oficiais que a Reichswehr negra produzia estavam aptos a instruir e a preparar a legião de soldados e de especialistas que iam sair do serviço militar obrigatório. A inscrição deu, rapidamente, os seus frutos. O Reich nacional-socialista pôde assim remediar os inconvenientes que, quanto ao recrutamento dos seus efectivos, derivavam das medidas restritivas impostas pelos tratados de paz. Quando se declarou a guerra pôde mobilizar, com uma regularidade e uma rapidez exemplares, alguns milhares de soldados enquadrados por oficiais de «élite» e auxiliados por centenas de milhares de homens especializados nas armas com que se decide a guerra moderna: corpos blindados, aviação, engenharia, tropas de choque, agentes de propaganda, etc.

A superioridade do material afirmada nas campanhas vitoriosas da Polónia e da Noruega, da Bélgica, da Holanda e da França, era esmagadora. O Reich tinha ao serviço da sua máquina militar divisões blindadas e uma aviação de bombardeamento que se revelava capaz de esmagar rapidamente as veleidades de resistência dos seus adversários. A campanha da Polónia leza decidida em dozeito dias; a da Noruega em menos de um mês; a da Holanda em cinco dias; a da Bélgica em três semanas; a da França em pouco mais de um mês. Eram resultados próprios para impressionar os mais

incêduos no potencial de guerra alemão. Os serviços de reconhecimento e de abastecimento tinham funcionado, em todas essas campanhas, de maneira exemplar. A marinha de guerra, apesar da inferioridade numérica das suas unidades de superfície, revelava uma audácia digna das melhores tradições navais. O mundo encontrava-se perante um factor novo que afectava a sua estrutura e o seu equilíbrio.

Era, sobretudo, o carácter fulminante da derrota do exército francês, reputado pela excelência do seu pessoal e do seu material, que impressionava



A retirada de Dunquerque marcou o ponto crucial da primeira fase de guerra. A foto mostra um aspecto do rearmar da soldados ingleses naquela praia francesa.

Como é possível essa derrota em tão curto prazo? O número relativamente insignificante de baixas que a Wehrmacht suportara demonstrou, de maneira inequívoca, que todas as operações em que interviu, haviam sido preparadas com um conhecimento perfeito dos recursos do adversário e com um domínio absoluto dos seus próprios recursos. Em julho de 1940, a máquina de guerra alemã parecia invencível.

O DOMÍNIO DA EUROPA CONTINENTAL

Essa máquina, dominava, discretizadamente, o continente europeu. Os países escandinavos estavam submetidos — era o caso da Dinamarca e da Noruega — ou confinados numa neutralidade que jogava em benefício do Reich, e era o caso da Suécia. Os Balcanos, à medida que o poder militar alemão se afirmava, tinham passado à categoria de esfera de influência econômica. Em alguns dos países que se estendiam entre o Danúbio e o Mar Negro havia profundas afinidades com a causa alemã. De húngaros e búlgaros, que eram, como os alemães, vencidos da conflagração de 1914-18, as simpatias gerais iam para as armas germanas. Em outros, a opinião pública encontrava-se dividida, mas o pensamento dos dirigentes, tendo em conta as necessidades de afastar o perigo iminente da guerra, pedia para o reconhecimento da superioridade incontestável que os alemães tinham alcançado. Acontecia isso na Jugoslávia e na Romênia. Neste último país operava-se uma profunda transformação interna favorável aos pontos de vista e às necessidades do «eixo». A Turquia que, num momento, pendera para o lado dos aliados ocidentais, refugiava-se numa atitude de estrita neutralidade que a subtilidade dos seus dirigentes havia preparado, reservando um acolhimento favorável ao embaixador von Papen. Na França vencida, a destruição do regime republicano e a subida ao poder dos partidários dos conceitos de autoridade, da hierarquia e de disciplina como fundamento do governo dos povos, traduziu-se no plano externo por uma era nova, a era da colaboração com as potências totalitárias e, dado o carácter ostensivo das reivindicações italianas, especialmente com a Alemanha.

A situação diplomática deste país correspondia inteiramente à posição vantajosa que alcançara sob o ponto de vista militar. O Reich mantinha excelentes relações com a U. R. S. S. Estava intimamente ligado à Índia e tinha com o Japão profundas afinidades. Os Estados Unidos, onde isolationistas e intervencionistas se deslocavam, era objecto duma intensa campanha de propaganda que paralizava os esforços dos auxiliares e colaboradores do presidente Roosevelt e da Administração.

Restava em frente da Alemanha, a Grã-Bretanha e o Império britânico. Militarmente estas expressões significavam a superioridade de uma esquadra, obrigada a vigiar os oceanos, e a inferioridade dum exército que quasi não existia e de uma aviação que começava a aparecer.

AS RELAÇÕES GERMANO-RUSSAS

O Fuhrer pronunciou no Reichstag um discurso para celebrar a importância dos vitórias alcançadas. Referiu-se, ao mesmo tempo, à situação internacional e local, com particular interesse, a natureza das relações que, depois da derrota do exército francês, tinham passado a existir entre a U. R. S. S., por um lado, e a Grã-Bretanha, por outro. Quanto às relações com os soviéticos...

«As relações germano-russas encontram-se definitivamente reguladas. Esta situação foi, sobretudo, uma consequência das declarações frequentemente feitas pelos dirigentes da França e da Grã-Bretanha, auxiliados muitas por alguns membros de Estados Unidos, sobre a sua responsabilidade directa em pequenos países europeus, e segundo as quais ora se atribuíam à Alemanha propósitos de conquistar a Ucrânia, ora se dizia que não queríamos ocupar a Finlândia, a Romênia e a própria Turquia.»

«Nestas condições julgou conveniente assentar, com a Rússia, numa demarcação clara das nossas esferas de influência, a fim de delinir, de uma vez para sempre, quais são as regiões que interessam para o futuro da Alemanha e quais são aquelas das russas julga indispensáveis para a sua existência. E na base desta clara delimitação de esferas, de influência que assenta o novo sistema de relações germano-russas.»

«Depois de termos feito este acordo é preciso ser muito ingenuo para acreditar que é possível criar um novo estado de tensão entre os dois países. Nem a Alemanha nem a Rússia deram um passo além do limite dessas esferas de influências que demarcamos. Pouco a pouco os nossos inimigos terão de aprender a tomar em consideração esta realidade.»

O discurso do Fuhrer foi proferido em 19 de Julho de 1940. Menos de um ano depois, em 22 de Junho de 1941, iniciou-se a guerra entre os dois países. Mas já nessa altura a liquidação do conflito com



Von Papen, embaixador da Alemanha na Turquia, conversa com Hitler e com um dos elementos preponderantes do partido nacional-socialista, Hugenberg.

a Finlândia, a transferência da população alemã que habitava os países bálticos e o discurso de Molotov pondo claramente o problema da Bessarábia, bem como o seu regulamento, eram nuvens que ensoberavam o ambiente criado pelo pacto de 23 de Agosto de 1939. A verdade é que os soviéticos tinham aproveitado as dificuldades do Reich para relatar poderosamente o seu sistema de segurança na previsão de acontecimentos que, poucos pessoas, por essa altura, se atreviam a vislumbrar.

A ATITUDE DA GRÃ-BRETANHA

Quando à Grã-Bretanha, o discurso pronunciado pelo Chanceler para acalmar o valor da vitória alemã, era um novo apelo à concórdia. Para que esta pudesse concretizar-se era indispensável que o governo britânico fosse substituído. Com o sr. Churchill nenhum acordo seria possível. A presença deste homem de Estado no poder significava a continuação da luta, a qual, a breve prazo, devia traduzir-se pelo esmagamento do Império britânico.

«Eu sei que a nossa réplica vai espalhar sofrimentos e desgraças sem nome sobre milhões de criaturas. O sr. Churchill não pensará a esse número. Quando isso acontecer estará no Canadá. Mas para os outros, apesar atroz das dores a suportar. Desta vez o sr. Churchill, excepcionalmente, deve acreditar-me. Como profeta, prevejo que um grande Império mundial vai ser destruído. Nunca

tive a intenção de atingir ou de prejudicar esse Império. Mas não tenho também, a esse respeito, nenhuma ilusão. A continuação da luta significa a destruição completa de um dos adversários. O sr. Churchill julga que a Alemanha será destruída; eu tenho razões para acreditar que será a Inglaterra.»

Esta declaração era o préambulo duma oferta concreta formulada nos seguintes termos:

«Em consciência julgo-me obrigado, neste momento, a dirigir um apelo à razão, à razão da Grã-Bretanha. Julgo que posso fazê-lo. Não formulei um pedido como vencedor; talo como vencedor. Não vejo nenhum motivo profundo que nos obrigue, a nós e aos ingleses, a continuar esta luta. Fica ao sr. Churchill a liberdade de desenharem desta declaração gritando que ela é apenas o fruto do meu recuo ou da minha dúvida quanto à vitória final. Terá, pelo menos, libertado a minha consciência na iminência dos acontecimentos que se estão preparando.»

Os acontecimentos que se preparavam revestiram-se de uma importância decisiva. Por um em causa, mais do que o prestígio, a própria segurança da Grã-Bretanha e a sua existência como nação independente. A proposta do Fuhrer, formulada em termos precisos e inequívocos, não foi aceita. O sr. Churchill, num discurso de repercussão mundial, afirmou o propósito irrevocável de resistir às sugestões diplomáticas e à pressão das nações do «eixo».



Paul Reynaud

A INFERIORIDADE MILITAR DOS INGLÊSES

A retirada de Dunkerque marcou o ponto crucial na primeira fase da guerra. Retirando de França o seu Corpo Expedicionário e a maior parte da sua aviação de caça, a Grã-Bretanha significava, de maneira inequívoca, o seu propósito de resistir, mesmo sózinha. Até que ponto este propósito contrariava os planos do Reich? Em Berlim formulavam-se, em seguida ao colapso francês, as várias hipóteses que os acontecimentos comportavam. A derrota da França devia, na opinião dum grande número de pessoas, arrastar consigo uma paz de compromisso em que a Inglaterra se reservaria a reconhecer a supremacia germânica no continente europeu. Esta hipótese era, sem dúvida, a mais verosímil. Tradicionalmente a Inglaterra é um país que faz a guerra de coligação. Para isso precisa dum aliado continental bastante forte. Não tendo o serviço militar obrigatório, levanta, em geral, no continente os exércitos que, com o apoio da sua esquadra e do seu dinheiro, acabam por triunfar. A essa, segundo os cálculos dominantes e Berlim, repeti-se-lhe mais uma vez. Com a queda da França, tombara a espada que a Inglaterra manejava.

A segunda hipótese, tornada verosímil com a retirada de Dunkerque, era a de uma possível resistência britânica. Nesse caso a luta prolongar-se-ia. Mas o seu resultado final não oferecia dúvidas para os dirigentes de Berlim e de Roma. A situação de interdição em que se encontrava a Grã-Bretanha era manifesta e gritante. Sem exército, em terra, com uma aviação em início, com uma preparação delicada para usar os métodos da guerra moderna, a posição militar da Inglaterra era bastante precária. A sua posição diplomática não se apresentava mais vantajosa. Com a derrota da França, o exército anglo-francês que estacionava no Médio Oriente pulverizava-se. Os pequenos países da Europa não podiam deixar de se impressionar com a rapidez e o brilho fulgurante das vitórias alemãs. O Reich encontrava, em alguns países, os seus aliados naturais. Outros reativavam-se numa atitude de neutralidade aparente que, praticamente, se traduzia por uma simpatia incontestável pela causa alemã. Mesmo os que não se encontravam dispostos a manifestar essa simpatia não deixavam, legitimamente, de reconhecer que os armamentos alemães dominavam, sem sombra de con-

testação, o continente em todas as direcções.

A PERSPECTIVA DUM CONFLITO MUNDIAL

Num dos últimos discursos que pronunciara, como chefe do governo francês, o sr. Reynaud inclinou os seus compatriotas a uma resistência «à outrance», procurando demonstrar que a luta desencadeada em 1 de Setembro de 1939, longe de ser um conflito continental travado na Europa, se transformaria, totalmente, numa conflagração mundial em que as grandes potências de todos os continentes teriam a sua palavra a dizer. Em sua opinião, a vitória da Alemanha era um episódio, o primeiro, duma conflagração cujo resultado definitivo ninguém poderia prever. A resposta negativa ao apelo que dirigiu ao presidente Roosevelt contrariava, ostensivamente, esta interpretação dos factos.

A resistência inglesa parecia querer confirmá-lo. Efectivamente, pelo facto de ser uma potência «ambíbia», com interesses extra-europeus, a Grã-Bretanha, opondo-se aos desígnios do Reich, ameaçava transferir o campo das hostilidades a novas regiões que, até aí, tinham sido poupadas aos horrores da guerra. Para que este projecto realizasse era necessário que a cidadela insular afrontasse victoriosamente a arremetida alemã que não deixaria de se produzir num curto prazo.

Mas a resistência britânica, qualquer que fosse a sua amplitude, não bastava só por si, para ganhar a guerra. O Reich tinha-se preparado para a luta no continente. Possuía numerosas divisões blindadas e uma poderosa aviação de bombardeamento. Não tinha, porém, uma esquadra de superfície bastante valiosa para desafiar a Royal Navy. A Grã-Bretanha não tinha exército adestrado e não poderia, mesmo que o tivesse, efectuar com êxito um desembarque no continente. O campo das hostilidades estender-se-ia às paragens do Império (África do Norte e Péximo Oriente) onde as forças do «eixo» pudessem chegar. Mas o resultado da contenda seria, segundo todas as probabilidades, um «match» nulo, o que, praticamente, se traduziria por uma paz de compromisso em que o Reich confirmaria as vantagens que até aí alcançara.

A resistência britânica não era, decerto, inútil. Mas, segundo todas as probabilidades, seria afirmativa. Tanto mais que o Reich continuava a afirmar o propósito de não atingir a estabilidade do Império britânico. Este devia acomodar-se, de qualquer maneira, à líder dum Grande Alameirão habilitada a desempenhar um papel de potência com interesses mundiais.

AGUARDANDO UMA COLIGAÇÃO

Restava à Grã-Bretanha uma probabilidade, e essa não era, certamente, de desprezar. Tendo estado nas mãos dos seus dirigentes a coligação que haviam organizado com a França e a Polónia, porque não deviam tentar uma nova coligação de nações continentais ou extra-continente orientadas no sentido de destruir, qualquer que fossem as consequências, o inimigo? Não era essa a política tradicional e sempre eficaz dos ingleses?

Poi nasce o pensamento de Churchill. A resistência britânica, mais ou menos duradoura, seria o primeiro passo para uma ofensiva a desencadear, em momento oportuno, com a colaboração de outras nações poderosas. A primeira dessas nações estava, naturalmente, designada. Os Estados Unidos afirmavam, há muito, a sua simpatia pela causa britânica. Não se podia, porém, traduzir em actos ostensivos dada as divergências profundas que separavam a sua opinião pública. Seria necessário aguardar que a política interna norte-americana evoluísse decididamente e que a reeleição de Roosevelt consagrasse essa evolução.

A segunda era a U. R. S. Qualquer que lê e o aspecto externo das relações germâno-russas, os interesses dos signatários do pacto de 23 de Agosto



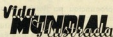
Churchill

de 1939 eram contraditórios. Essa contradição, que se afirmava na Escandinávia e nos países bálticos, tomava um aspecto agudo nos Balcãs. Não era apenas a hostilidade dos dois regimes que açoitava aos vilãos; era a hostilidade histórica das duas nações que não fora possível apagar sobre a base precária dum objectivo de ocasião: a partilha da Polónia. Decerto não mais uma vez a Polónia desempenhara na história o papel ingrato de trapo de união entre o germanismo e o eslavismo expansionista. Mas para contrariar êsse motivo de afinidade, quantas razões de incompatibilidade existiam!

O governo de Londres pensava que os seus aliados naturais, e pouco cômodos, estavam designados. Mas a coligação existia apenas no pensamento do Primeiro ministro e de alguns dos seus colaboradores mais intimos. Até que ela tomasse forma era necessário esperar. Esperar e combater. Esta perspectiva só podia encontrar uma explicação plausível na tenacidade do povo britânico e na confiança que êste depositasse nos seus dirigentes. Poi com êstes sombrios auspícios para a Grã-Bretanha que se encerrou a primeira fase da guerra.

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).

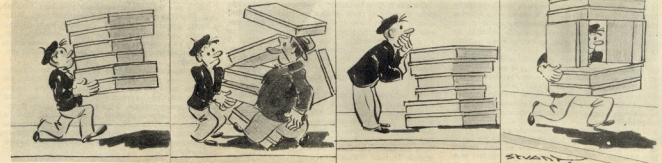


CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11500; 6 meses (24 números) — 22500; 12 meses (48 números) — 43500. Africa: 12 meses (48 números) — 60500. Estrang. c/convenção — 12 meses (48 núm.) — 65500. Estrang. s/convenção — 12 meses (48 núm.) — 80500.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Travessa da Condesa do Rio, 27 — Lisboa.

A EXPERIENCIA FAZ O INVENTOR • História sem palavras por Stuart Carvallis





UMA EXPRESSIVA FOTOGRAFIA que nos mostra o estado das estradas russas na actual época do degelo. Os transportes militares são agora, até à estação de verão, ainda mais difíceis, como nos evidencia esta foto em que se vê um carro passando por uma aldeia russa, numa estrada transformada em lamaçal

A ofensiva da Alemanha

* e as possibilidades de iniciativa *

pelo tenente coronel L. J. ILIOPOLITTE, I. I. A.

(Conclusão do número anterior)



O artigo anterior indicava sumariamente:

1.º Quais os direcções possíveis dum acção ofensiva;

2.º Quais as possibilidades de surpresa estratégica referentes a cada uma das direcções;

3.º Qual a relatividade aproximada de meios das duas adversárias. Com base nestes elementos, que largamente não podem ter sendo um valor relativo, procuramos hoje estudar quais as vantagens e os inconvenientes inerentes a cada uma das direcções de ataque.

HIPÓTESE DE INICIATIVA GERMANICA

A) ATAQUE A RUSSIA

Uma ofensiva na frente leste pode apresentar-se sob duas formas diferentes:

- 1.º **Ofensiva total** — desenvolvendo-se em toda a frente geral da batalha — com o **objectivo da destruição da força russa.**
- 2.º **Ofensiva parcial** — desenvolvendo-se apenas numa secção da frente de batalha, com um **objectivo limitado** de ordem estratégica, política ou económica.

A primeira solução pode ter um carácter radical e definitivo, enquanto que a segunda será apenas uma solução de compromisso.

São três as operações parciais possíveis:

1.º **Ataque no sector de Kaliningrad-Leningrado**, nas direcções gerais de: **Kaunas, Valooga e rio Dvina**, com o fim de fazer cair a frente da **Finlândia**, cortar as comunicações com **Arkhangel**, eliminando assim uma das principais vias de reabastecimento externo russo e finalmente engarrar a esquadra do **Báltico.**

2.º **Ataque no sector de Moscovo**, na direcção geral do **médio Volga**, afim de se apoderar desta região industrial, onde existe a maior fábrica de automóveis (**Gorki**) e do centro de comunicações que comanda toda a Rússia.

3.º **Ataque no sector da Ucrânia Oriental**, afim de ocupar as bacias do **Don, do baixo Volga, com Astvlema**, e consequente progressão sobre o **Caucaso.**

A primeira operação parcial, do sector norte, só pode ser eficaz se a progressão atingir o **rio Dvina**; neste caso a posição das forças atacantes ficaria extremamente vulnerável no seu flanco Sul os ataques vindos da região central de Moscovo. Não nos parece que o ataque realizado se pudesse consolidar, e as forças empenhadas nesta operação ficariam ex-

postas a grave catástrofe, se a região de **Moscovo** não fosse também ocupada.

Esta operação, portanto, só é de tentar juntamente com o ataque a **Moscovo**, o que representaria quasi uma ofensiva total na generalidade da frente, pois que o sector sul também exige uma massa importante de forças de fixação dos exércitos de **Timoshenko.**

A segunda operação, sobre o sector de **Moscovo**, exige esforços consideráveis, como ficou provado com a frustrada ofensiva de Outubro e Novembro do ano passado.

Se esta ofensiva apenas atingisse **Moscovo** e não progressse até **Gorki e Kazan**, o seu resultado teria um alcance meramente de ordem moral e político, sem alcance estratégico decisivo.

No caso de progressão até **Kazan**, já teria grande alcance de ordem económica, mas esta cunha de 600 quilómetros de profundidade ficaria extremamente vulnerável aos ataques dos dois flancos, exigindo um alargamento para **Norte e Sul** — caindo assim nas mesmas características de ofensiva geral.

Finalmente a terceira operação parcial, sobre o **baixo Volga e o Caucaso**, é das três aquela que apresenta maiores possibilidades.

Se for realizada nas condições mais favoráveis para os tempos germânicos, poderia progredir, a **Sul**, até às montanhas do **Caucaso**, e aqui seria localmente detida nas três únicas passagens possíveis destas montanhas, e a **Lesão**, até ao **quadrilátero**.

A ocupação deste quadrilátero formado por **Rostov, Rostavon**, e os extremos montanhos do **Caucaso**, no **Caspio** e no **Maz Negro**, prejudicaria o reabastecimento russo em petróleo, mas não conseguiria fornecer aos alemães esse produto, pois a **luz fixa** — está na região petrolífera do **Norte caucasiano.**

As forças que o ocupassem estavam constantemente ameaçadas, nas suas retaguardas, pelos ataques do exército russo do **Centro.**

Seria, portanto, uma operação de **espera e não decisiva.** Para poder bater as forças russo-britânicas do **Caucaso**, seria necessário acompanhar o ataque directo frontal da **Norte** por um movimento envolvente vindo do **Sul.**

Isto é: seria preciso preparar prévia ou simultaneamente o **invasão do Médio Oriente**, o que só é possível passando pela **Turquia** ou desembarcando directamente na **Síria e Palestina.**

A realização de tal projecto exige meios ainda mais poderosos do que os necessários para uma ofensiva total sobre o sector russo.

Pela exposição que fizemos, no artigo precedente, sobre a relatividade dos meios em presença, afirma-se nos que uma ofensiva total, sobre a generalidade da frente, está votada a um sucesso inferior ao das ofensivas do tempo passado, julgando, portanto,

que não é possível ao exército alemão, no seu estado actual, poder levá-la a efeito com êxito.

Para se lançar em tal tentativa necessitaria previamente convencer outros países europeus, que ainda não colaboram na luta, a fornecer um milhão de 60 e 70 divisões. Não vemos, no estado actual da situação estratégica-política, onde possam ser recrutadas essas divisões.

Qualquer operação de grande escala empreendida na frente oriental exigiria esforços consideráveis e acarretaria fortemente um consumo elevadíssimo de carburante, correndo o risco de se gastarem as últimas reservas deste precioso matéria prima, sem a qual se não pode prosseguir a guerra.

Qualquer tentativa empreendida nestas condições, só é de aconselhar, portanto, se houver o máximo de probabilidades de êxito, e estas não existem enquanto não se conseguir a superioridade de meios.

Parece-nos, portanto, que o objectivo da política, da diplomacia e da estratégia germânicos deve ser a criação das condições psicológicas e estratégicas tendentes a fornecer o necessário ambiente político e moral e tomar as posições geográficas conducentes a tal efeito.

Uma operação que conseguisse criar estas condições, sem necessidade de grandes esforços militares, deve ter a prioridade sobre a ofensiva na frente oriental.

Vejamos, portanto, entre todas as outras operações possíveis à iniciativa germânica, qual seria aquela que melhor satisfaria tal objectivo.

B) ATAQUES NOUTRAS DIRECÇÕES

— A ofensiva através da **Turquia** traria como consequência provocar ainda o maior desequilíbrio de forças a favor dos aliados, agravando a situação das forças germânicas.

— O desembarque aereo-transportado sobre a **Síria, Palestina e Egipto**, não foi possível o ano passado, após a conquista de **Creta**, apesar da revolta do **Iraque** e dos apoios aéreos obtidos na **Síria**, operações estas auxiliares e de apoio à **invasão do Médio-Oriente.**

Porém, portanto, que, no momento presente, em que estes dois apoios desapareceram, em que os britânicos relogaram os seus efectivos nesta região e em que a massa principal da **Wehrmacht** está fixada na **Rússia**, um tal empreendimento tem ainda menores probabilidades de êxito do que no ano passado.

Esta operação, aliás, não cria as condições a que aludimos no referencial.

— O ataque do **Egipto** através da **Cisjordânia** apenas tem uns escassos 15 dias de possibilidade de operações. Não é, pois, de esperar que elle se possa realizar até ao outono.

A ocupação da **África do Norte e Occidental** resta como última hipótese possível.

Tal operação pode realizar-se conforme modalidades várias.

Na base de todas as está a acção política da **Francia**, e numa delas a da **Espanha.**

Não nos parece que tal acção seja feita violentamente, contra a vontade de qualquer destes países.

A atitude política do eixo, especialmente nas suas relações com a **Francia**, pode conduzir à oblação deste objectivo de forma indirecta e por via diplomática.

A evolução das relações diplomáticas entre **Vichy** e **Washington** pode talvez criar as condições favoráveis à sua execução progressiva.

Se **Vichy** e **Berlim** caminharem no sentido dum colaboração mais estreita, poderá **Vichy** consentir num aumento de comissões de "controlo" de armamento, que não deixaria de agravar as relações com **Washington**, levando talvez à ruptura diplomática.

Com ou sem esta ruptura, pode **Berlim** pedir a **Vichy** autorização para assegurar a defesa de pontos estratégicos importantes da **África do Norte e Occidental.**

Uma tal decisão traria forçosamente a ruptura e, com esta, o reforço daquelas relações.

As forças podem seguir por via aérea, ou através da **Espanha**, a pedido conjugado de **Berlim** e **Vichy.**

Antes da guerra civil de **Espanha**, existia entre os governos de **Paris** e **Madrid** um acordo secreto pelo qual a **Espanha** concedia à **Francia** a livre passagem de tropas através dos seus territórios metropolitanos e africanos. Houve mesmo quem considerasse que tal acordo fôra uma das razões estratégicas que incitaram as potências do «eixo» a apoiar militarmente os nacionalistas espanhóis.

A evocação dum tal acordo forneceria ao governo de **Madrid** um alibi moral no sentido de justificar a concessão de livre passagem, sem quebra aparente dos compromissos internacionais por elle assumido anteriormente.

Outra a ocupação da **África do Norte e Occidental** provocaria o êxito total do continente europeu pelas forças do «eixo».

O sector da guerra psicológica entraria então em grande actividade. Anunciava-se a formação do bloco **Euro-África**, o recrutamento do continente negro seriam postos em relevo; as estatísticas, que servem a todos os fins, viriam demonstrar a possibilidade de fazer logo a uma guerra de longa duração.

Não deixaria de se afirmar que a **Ásia** pertence já ao **Japão** e a **Europa e Africa** ao «eixo», que, portanto, o mundo inteiro estava sob o domínio do tripulido com excepção do continente americano.

Assim se havia de pretender criar o ambiente psicológico, em certos países europeus, com o fim de os levar à colaboração conjunta e participação militar na guerra contra o **Bolchevismo.**

Esta seria, a nosso ver, a única operação capaz de favorecer certas forças no seu trabalho interno de propagação a favor daquela colação.

Estratégicamente, tal operação teria a vantagem de proteger o flanco sudoeste das forças germânicas, mas teria o gravíssimo inconveniente de se dissipar ainda mais, ficando assim o comando alemão em situação de não poder ser forte em parte alguma.

Ora, no momento actual, a presença de um forte exército anglo-americano, superior a 70 divisões, nos ilhas britânicas, constitui uma séria ameaça para o «eixo».

Este exército, que dispõe de inteira liberdade de acção, pode fazer incidir os seus esforços num ou vários pontos contra os germânicos estacionados, desde a península itálica até à península escandinávica.

C) ELEMENTOS INDICATIVOS

Eis, resumidamente expostas, as possibilidades materiais dos movimentos ofensivos do alto comando germânico. Vejamos agora se é possível investigar sobre os seus interesses.

Há elementos que convém observar, pois nos podem fornecer indicações preciosas.

Por informações certas vindas dos países ocupados e mesmo relevadas pela imprensa alemã, sabe-se:

1.º Que a quasi totalidade dos «veteranos» de chapéus, mesmo os de senhores, estão trabalhando no fabrico de casas coloniais, o que significa para o alto comando alemão alguma campanha em territórios quentes (Médio-Oriente ou África).

2.º Que a Luftwaffe produziu um grande esforço no fabrico de paraquedistas, o que significa a intenção de realizar operações aero-transportadas, que em geral são applicadas para saltar obstáculos marítimos de pequena envergadura. (Transposição do Mediterrâneo sobre a Síria, Egito e África do Norte do Mar Negro sobre o Cossaco ou ataque à Inglaterra).

3.º Que o recrutamento das tropas paraquedistas deixou de ser exclusivamente voluntário para ser compellido (1/10 voluntários e 9/10 compellido). Isto significa que a qualidade da tropa deve ter baixado o que, portanto, se preferiu o número à elite.

4.º Que na Noruega foram encomendadas ordens de 500 000 pares de «kya», com o prazo de entrega no fim de Setembro.

Isto significa que se prevê mais uma campanha de inverno, o que o Fuhrer confirmou no seu discurso.

Tal attitude mostra que se encara uma guerra longa, e esta só se possível agüentar-se caso as forças do «eixo» aumentem e seu espaço vital com a occupação da África, sem terem que empreender operações que as obriguem a gastar as suas reservas de petróleo.

Só assim poderão durar, e a duração é indispensável para poder exercer a acção política indispensável à obtenção de novas colaborações.

Pelo exposto se verifica que o esforço de preparação incidiu principalmente sobre elementos que não são indispensáveis ao ataque geral na frente russa.

As operações aero-transportadas mereceram a atenção especial do Alto Comando alemão.

Julgamos que, actualmente, além das unidades aero-transportadas já existentes, a Wehrmacht dispõe de 9 divisões fortemente reforçadas com tanques ligeiros e elementos motorizados que até agora não existiam na sua organisação.

Há quem pretenda provê-lo um ataque contra as ilhas britânicas; a nós alguma-se nos tal operação votada antecipadamente a um desastre certo.

Concluindo, sobre os dados que conhecemos, parece-nos que a operação mais económica, de maior alcance psicológico, que descalparia não se atacar a Rússia, seria a invasão da África do Norte e Occidental.

Estes elementos se poderiam invocar, neste sentido, que julgamos prudente não apresentar pelos seus me-

lindres de ordem diplomática.

D) PRECAUÇÕES TOMADAS

É sabido que, no momento presente, o Alto Comando alemão está procedendo: 1.º a concentrações na Dinamarca e na Alemanha Norte Occidental, retirando forças da frente oriental; 2.º à fortificação do Vistula e da bacia da Bódenia e Morávia.

Esta attitude revela-nos a intenção de fazer face à tentativa de desembarques aliados na Europa, que se podem realizar na Noruega ou nos Países Baixos e França do Norte da maneira mais inesperada.

Por isso, na incerteza da direcção de tais ataques, se procura uma posição central que permita actuar por linhas interiores.

Desconhecendo-se o valor e força dum tal invação, e querendo estar forte no localis em que ela venha a dar-se, prevê-se a necessidade de tirar forças da frente oriental.

Nestas condições, esta frente ficaria extremamente fraca na sua extensão actual, e reconhece-se a possibilidade de «encurtar, apoiando-a em obstáculos naturais».

A nova frente prevista seria então o Vistula, o Bug, a bacia de Bódenia e Morávia, chave estratégica da Europa Central, os Carpates e o Daniezer.

Aqui tem o leitor os elementos que o podem esclarecer, levando-o a julgar por si próprio, a situação geral e escolher a decisão que lhe parece mais lógica e razoável.

A nossa missão tem que se limitar a este estudo, pois não somos profeta.

P. S. — No artigo anterior appareceram várias «gratias», algumas das quais é necessário corrigir desde já. Onde se lê 295 000 mortos romenos deve ler-se 85 000; no calculo geral das meias, onde se lê 16 divisões romenas deve ler-se 6 divisões, e no total deve ler-se 240 e não 250. Pelo discurso do Fuhrer verifica-se que os italianos apenas tinham 3 divisões e não 6, como se julgava, o que diminui doutro tanto as disponibilidades alemãs.

No calculo das perdas alemãs foi tomada a base das perdas romenas, declaradas oficialmente diminuídas de 50%, o que faz um total de 3 milhões entre mortos, desaparecidos, prisioneiros e feridos irreparáveis. É este o «delicto» que é preciso prevenir para se manter as 250 divisões da campanha passada na Rússia. De notar-se que neste total já estavam incluídas as classes de 18 e 19 anos, o que aumenta o «delicto» de cerca de 1 milhão e 200 mil homens.

Novidade literária:

PÃO E AMOR

Um empolgante ROMANCE norueguês, da autoria dum glorioso escritor da Noruega
KNUT HAMSUN

Tradução e prefácio do escritor César de Fries

Ed. da Parceria A. M. Pereira

Á venda a 2.ª edição (o 1.º esgotou-se em 15 dias apenas!)



Para fotos nítidas e perfeitas...
Película Kodak

Seja qual for o estado do tempo ou as condições de luz, a película Kodak dar-lhes-á «fotos» claras bem detalhadas e nitidas. Garante o seu aparelho com película Kodak se quizer ter a garantia máxima de boas fotografias.

A venda só nos boas casas de artigos photographicos
GODAR LEMITEZ-12, RUA GARRETT-LISBOA



A VOZ DE LONDRES

fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12.45	Noticiário	G R U 31,75 m. (9,45 mc/s) G R V 24,92 m. (12,04 mc/s)	
14.15	Noticiário	G R Z 13,86 m. (21,64 mc/s) G R U 31,75 m. (9,45 mc/s) G R V 24,92 m. (12,04 mc/s)	
14.30	Actualidades	G R U 24,92 m. (12,04 mc/s)	
23.00 (*)	Noticiário	G R X 30,96 m. (9,69 mc/s) G S B 31,55 m. (9,51 mc/s) G R T 41,96 m. (7,15 mc/s)	
23.15 (*)	Actualidades	G R T 41,96 m. (7,15 mc/s)	

(*) Este periodo de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

Á venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

Vida MUNDIAL

JOSE CANDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 258-44

Composto e impresso nos Officinas Gráficas Bertrand (Callings), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal e Colónia Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telefone 2 894

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

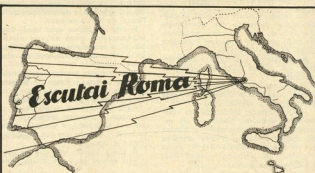


DOIS ASPECTOS da formatura dos alunos do Colégio Militar durante as festas ali efectuadas recentemente em comemoração do seu aniversário.

PASTA MEDICINAL

Couto

CURA *estomatites*
TRATA *as doenças da boca*



(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORÁRIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	ESTAGÕES		
9,50	Noticiário	{ 2 RO 6	m. 19,61 Ke/s 15,300
		{ 2 RO 4	m. 25,40 Ke/s 11,810
13,15	Comunicado de guerra	{ 2 RO 17	m. 15,31 Ke/s 19,590
		{ 2 RO 7	m. 16,88 Ke/s 17,770
17,30	Noticiário	{ 2 RO 17	m. 15,31 Ke/s 15,590
		{ 2 RO 7	m. 16,88 Ke/s 17,770
		{ 2 RO 6	m. 19,61 Ke/s 15,300
22,10	Noticiário	{ 2 RO 22	m. 25,10 Ke/s 11,950
		{ 2 RO 4	m. 25,40 Ke/s 11,810
6,10	Noticiário	{ 2 RO 3	m. 31,15 Ke/s 9,630
		{ 2 RO 11	m. 41,55 Ke/s 7,220
		m. 203,20	ondas médias
1.	Noticiário	{ 2 RO 6	m. 19,61 Ke/s 15,300
		{ 2 RO 19	m. 29,04 Ke/s 10,350
		{ 2 RO 18	m. 30,74 Ke/s 9,760

CONVERSAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA
(às quartas e domingos)

22,10 (às quartas)	m. 25,70	Ke/s 11,695
22,20 (aos domingos)	m. 30,25	Ke/s 9,830

LIÇÕES DA UNIVERSIDADE RADIOFÓNICA ITALIANA
(às terças, quintas e sábados)

16,35	{ 2 RO 11	m. 41,55	Ke/s 7,220
	{ 2 RO 22	m. 25,10	Ke/s 11,950

USE O MATERIAL FOTOGRAFICO

ILFORD



CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS

A' venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED
ILFORD - LONDRES

GENERAL GIROUD

(continuação da quinta página)

ias. Como se sabe foi o exército do general, depois marechal, Fouchet d'Espèrey que rompeu a frente do Império Central no sudeste europeu, levando a Bulgária a abandonar a luta e criando as negociações de paz.

Constantinopla voltou a França, onde os seus conhecimentos especiais das tropas indígenas foram utilizados proveitosamente. Como chefe do Estado Maior da brigada marroquina prestou excelentes serviços no último período das operações militares. Era a fase da ofensiva «à outrance» conquistada pela experiência de Foch. A chimiza requetista que um outro africanista de vulto, Mangin, projectava a sua volta contagiava chefes e subordinados. Giroud entendeu que era necessário «marietar» o inimigo nos seus pontos fracos além de conseguir uma decisão antes que 1918 tivesse terminado. A decisão, efectivamente, veio.

Assinado o armistício, Giroud continuava a ser o que fora até ali: um militar preocupado exclusivamente com as exigências da sua profissão. Logo que pôde regressou a África. Os franceses ensaiavam então em Marrocos a epopeia civilizadora que conduziu à transformação radical do país. Amigo e confidente de Liautey acabou, como ninguém, a compreender o mestre e seguiu, em todas as circunstâncias, a sua escola excepcional.

Colaborou, de maneira activa, no trabalho de pacificação que se prolongou por alguns anos. O militar tomou, mais uma vez, o passo ao politico e ao administrador. Ferido gravemente num encontro em que sucumbiram alguns de seus camaradas, viu-se astringido a uma inactividade inesperada de meses. Foi um período de reflexão acaluta. Pôde rememorar as suas façanhas do passado e construir os seus projectos para o futuro. Quando regressou a França tinha uma experiência acabada dos homens e dos acontecimentos. A guerra que estalou em Setembro de 1939 não o surpreendeu. Comandante em chefe a guarnição de Metz. Os dois filhos e os dois sobrinhos com quem vivia foram mobilizados. A França apelava, mais uma vez, para o seu sangue.

De novo, o cativo

No quartel general do VII Exército, em Saint Omer, tendo dum lado o Corpo Expedicionário britânico e do



para cuidar do seu cabelo é quanto basta! Uma fricção com o

Petróleo Químico Nally

mantém duradouramente o seu cabelo de boa saúde. O Petróleo Químico Nally é o único remédio eficaz contra a caspa e contra a queda do cabelo. 22 elementos activos entram na sua composição. Além da acção medicinal, deixa o cabelo suave e domável e com um perfume suave e persistente.

outro o mar, o general Giroud recebia de vez em quando os jornalistas. A sua semelhança com Kitchener era um motivo habitual de comentários. O período de inação fizgado, cujo sentido profundo o general comprehendia, alargara-se pelo tempo mesmo de 1939 e pela primavera de 1940. O seu estribilho não se alterava. Quando o dr. Goebbels annunciava proclamativamente que os alemães deixariam espedecer a guerra na frente occidental, Giroud replicava com a sua receita infalível: Ofensiva! Ofensiva!

No dia 10 de Maio, a ordem que recebia do quartel general de Gemeln era tardia. A sua missão consistia em penetrar na Bélgica e entrar na Holanda, removendo todos os obstáculos que se opusessem à sua marcha. A ordem foi cumprida sem hesitações. As perdas, cada vez mais sensíveis, não perturbavam o chefe do VII Exército. A notícia de que os alemães tinham interrompido com as suas divisões blindadas pela brecha do Sedan encontrado no meio dum avanço que se não queria deter. Em todos os sectores da frente uma opinião unânime se formulou: Giroud era o substituto indicado de Gamelin, devendo ser posto de parte as candidaturas dos seus camaradas Georges e Odoon.

Com o IX Exército, de Corap, em debandada para cá do Mosa, Giroud foi chamado a substituir, num momento politicamente crítico, o commandante surpreendido pela rapidez do ataque e vítima d'elé. Não se demorou um instante a ocupar as suas novas funções. Chegado ao quartel general de Corap compreendeu que a situação só podia ser restabelecida por um milagre. Foi esse milagre que a sua energia procurou suscitar.

Surpreendido, por sua vez, no meio de um estado de carross alemães, foi feito prisioneiro com todos os oficiais do seu Estado Maior. O último telegrama que expediou para o quartel general retrata o homem e a sua temperança: «Surpreendido e cercado por cam carross, procuro amiguidões, um a um».

Era conhecida a sua profecia: «Um homem vive vinte anos a fazer-se. É o tempo que temos para fazer e apetrechar um exército. Porquê esse período não estava à altura das circunstâncias, o general Giroud foi naquela tarde de Maio de 1940, vinte e seis anos passados sobre o primeiro episódio, feito prisioneiro dos alemães no mesmo local e pela segunda vez».

Uma recompensa de 100 mil marcos

De Maio de 1940 a Abril de 1942, Giroud conheceu, de novo, as agruras do cativo. A senda ressaltada do choque provocado pela derrota da sua pátria; mas a sua reserva de energias parecia permanecer intacta. Era possível, no sessenta e dois anos, tentar de novo a evasão? Em vinte e seis anos as circunstâncias tinham mudado radicalmente. Uma tentativa que se malogrou poderia ter consequências incalculáveis. Mas, como em 1914, Giroud pensava que ainda não estava muito acabado. Que havia ainda uma «chance» a tentar, uma decisão a tomar, por mais arriscada que fosse.

Na noite de 25 de Abril, todos os seus camaradas do VII Exército foram chamados a uma reunião. Foi ali que se encontrou um oficial francês, o general Henri Giroud, conseguiu escapar-se da fornalha de Koenigstein, perto de Dreze, onde se encontrava como prisioneiro de guerra. A polícia era acompanhada numa descrição do prisioneiro e da lista de uma recompensa de cem mil marcos (obras de oitocentos contos da «boa moeda») a quem o entregasse.

A fuga verificou-se quatro dias antes de 31 de Maio. Não se encontrou nem estraldes. Mas é de reportar que o percurso de seiscentos quilómetros que Giroud teve de fazer sobre a prisão e a fronteira suíça não foi percorrido com os distúrbios que lá,

QUEM TEM UMA Rolleiflex ESTÁ RADIANTE PORQUE POSSUI O MELHOR APARÊLHO DO GÊNERO

J.C. ALVAREZ L. DA SILVA
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

205-RUA AUGUSTA-207-LISBOA

VARIÉDADES

PROBLEMA N.º 23

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														
9														
10														
11														
12														
13														
14														
15														

Chantal Silvia

até lá foram quando da primeira evasão. As estradas e os caminhos de ferro do Reich encontram-se rigorosamente vigiadas e parece inverossímil que um homem da estatura invulgar do general francês, para mais talando, como é, bastante mal o alemão, percorresse sem transformos uma distância tão grande.

O general Giroud permaneceu, sob um nome suposto, quatro dias na Suíça. O governo d'elé país, nos termos da convenção de Haia, permitiu-lhe, como em 1914 fizera o governo holandês, continuar viagem. Seguiu para a zona não ocupada da França e chegou, alguns dias depois, a Vlchy, onde conferenciou, segundo informaram as agências telegráficas, com o marechal Pétain e com Pierre Laval. Tudo indica que esta segunda evasão, mais sensacional do que a primeira, não tenha ainda esgotado todas as suas surpresas.

HORIZONTAIS — 1 — Anul; A fr 2 — Grande quantidade (pl.); A casa principal de um edificio. 3 — Preparação e artigo; Imperfeita. 4 — Indignação; Arrebique. 5 — Pref. lat. A roda: O espaço do navio entre o mastro grande e o pópa. 6 — Pertences; Crólito. 7 — Pronome pessoal; Extremidade. 8 — A este lugar; Me. 9 — Paquíderme (tipografia da América do Sul); Impio. 10 — Estanho fino; O D do alfabeto grego.

VERTICAIS — 1 — Divisória que separa os animais nas cavalarias; Narizinho. 2 — Adensa; Agrada. 3 — Caminhar; Mais. 4 — Preceptor de crianças ilustres; Lique. 5 — Lço apertado; Variações do pronome Tu. 6 — Artigo (pl.); Abreviatura que designa Antes do meio dia. 7 — Indivíduo que é bom amigo. 8 — Edifício; Ar. 9 — Eia; Sautidie. 10 — Nota musical; Nota mus'al. 11 — Maior; Aderente. 12 — Part. do palácio onde muculmanos têm encerrado as concubinas; Título dos descendentes de Maomet.

Soluções do problema n.º 22

HORIZONTAIS — 1 — Carta; Amada. 2 — Os; Alote; Al. 3 — Cã; Es. 4 — Tuna; Alia. 5 — Ara; Car; Aso. 6 — Comia. 7 — Ano; São; Ito. 8 — Rosa; Pto. 9 — Sr.; Al. 10 — As; Pinto; Ml. 11 — Ovar; Armas.

VERTICAIS — 1 — Corta; Armão. 2 — As; Ucano; Si. 3 — No; Os. 4 — Taca; Aspa. 5 — Ala; Cós; R. 6 — Mamão. 7 — Até; Rio; Ata. 8 — Mesa; Pico. 9 — La; Lo. 10 — Da; Istmo; Mã. 11 — vé.; Oásis.

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

BRIGADEIRO BARRETO DE OLIVEIRA



Distinto oficial do nosso Exército e conhecido comentador das operações de guerra que acaba de publicar um volume da maior actualidade, destinado a alcançar grande êxito: «A frente oriental». Precedido dum prólogo sobre as anteriores campanhas da Rússia e seus resultados, este notável livro mostra-nos, depois, numa série de capítulos sugestivos, o desenvolvimento da actual campanha germano-soviética até ao momento presente. A organização dos dois exércitos, os seus comandos e concepções estratégicas, as violentas batalhas até ali desencadeadas e outros pormenores de muito interesse são descritos brilhantemente pelo autor nesta nova edição da Parceria A. M. Pereira.

ENGENHEIRO MANUEL BIVAR



Que foi agora provido definitivamente no cargo de director técnico da Emissora Nacional, e tem lugar de honra entre os impulsionadores e profissionais da radiodifusão em Portugal, cujo desenvolvimento tem acompanhado desde as suas primeiras experiências. Dirigiu a construção e instalação das duas estações emissoras que hoje possui o nosso pósto oficial, e está a orientar superiormente a montagem de mais dois potentes emissoras que, em breve, serão postas a funcionar. Especializado em Rádio na América do Norte, tem representado, várias vezes, Portugal na União Internacional de Radiodifusão.

ARQUITECTO KEIL DO AMARAL



Que acaba de publicar, numa edição da interessantíssima «Biblioteca Cosmos», um livro cheio de curiosos ensinamentos — «A arquitectura e a vida». O architecto Francisco Keil do Amaral, artista de extraordinárias faculdades — autor do projecto do Pavilhão de Portugal na Exposição de Paris e encarregado, como architecto da Câmara Municipal de Lisboa, das obras do Parque Florestal do Monsanto e do aeroporto de Lisboa — revela-se, neste livro, um escritor de grandes possibilidades, dando-nos uma obra plana de interesse, que fica ensinada no conjunto daquela esplêndida Biblioteca.

CÉSAR DE FRIAS



Conhecido escritor que assumiu a direcção literária da notável colecção «Romancistas do Prémio Nobel», edição da Parceria António Maria Pereira, destinada a divulgar romances estrangeiros seleccionados. O primeiro volume desta colecção — de que acaba de sair a 2.ª edição, por a primeira se ter esgotado rapidamente — é o romance «Pão e Amor», do escritor norueguês Knut Hamsun, glória da literatura do seu país, cuja versão e prefácio pertencem a César de Frias, autor de numerosas obras originais e tradutor de alguns dos mais célebres romances contemporâneos.



1942

O
VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



APYROL

CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL

A venda na Farmácia
Estácio—Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogarias



Os "Comandos" Ingleses

Tropas de desembarque e assalto

DURANTE UMA VISITA RECENTE que fez às tropas do sudeste, o rei Jorge VI da Inglaterra teve oportunidade de falar com um dos soldados das formações dos "Comandos" que acabava de regressar dum "raide" nocturno à costa francesa e apresentava ainda a sua equipagem de assalto e a cara pintada de negro, como é hábito nessas operações de surpresa. São soldados destas formações que têm efectuado ultimamente os "raids" a Saint Nazaire, Boloña e outros pontos do litoral da França ocupada.

panorama internacional



por Francisco Velloso

NTRAMOS na zona de tufos. Através dos anúncios das ofensivas, rumem mais fortemente as crises de enervamento nas retaguardas, a que há meses vimos fazendo esperanças e intencionais referências. Elas impellem os governos a tomarem decisões. Elas ordenarão as iniciativas. O acontecimento de maior relevo na estiva — discurso de Hitler — mostra — com uma clareza impressionante. Quando se clama que é preciso atacar, já se obedece à voz dos povos que exigem a redução, o mais rápido possível, dos sacrifícios.

A EXPLICAÇÃO DO FUHRER

Quando no dia 27, o mundo procurou nos jornais o texto do discurso de Hitler, anunciado das ante-vésperas, havia quasi por certo que iria encontrar nele o brado da ofensiva cuja preparação tão afanosamente está sendo feita pela Alemanha. A surpresa geral causada pelas declarações de Hitler proveto exactamente de o seu discurso não conter nem um tom de ataque belicoso nem uma orientação que lhe daria o carácter do subir-do-papo para inicio da grande tragédia.

Os últimos discursos do chefe alemão dirigiram-se sobretudo ao povo alemão sem expressamente o afirmarem. Neste, Adolfo Hitler disse — sem rodeios: «Este e outros discursos anteriores são particularmente destinados ao povo alemão e aos povos seus amigos».

Com efeito, mais de metade da oração, visando a sobrecarregar a coligação anglo-saxónica das exclusivas responsabilidades do desencadear da guerra e, acima de tudo, da sua duração, e a repetir o leit-motiv das influências judaico-bochevistas que a inspiraram e sustentam, só pode interessar verdadeiramente um plano de levantamento do moral colectivo do povo que fornece neste momento a Hitler a massa nutrida dos seus soldados e o esforço tremendo do seu trabalho mobilizado. Sob este aspecto, o discurso emparelha com outros dos chefes das nações aliadas.

Também não podia o Führer provocar profunda impressão revelando que a mobilização de recursos do Reich e dos povos seus amigos os observe por assim dizer totalmente. Isto está dito e provado. O discurso só trouxe de novo

elementos para se apreciar melhor a agudeza da crise na actual conjuntura dentro da Alemanha, em relação com a nova fase geral da guerra. E neste particular, topa-se nele um objectivo politico que o transforma num documento de apreciável valor para a critica historica dos acontecimentos de hoje e de amanhã.

As explicações de Hitler começam por incidir na justificação do malogro da sua ofensiva no verão passado, e do consequente recuo da frente leste, desde o Mar Negro ao Lago Ladoga. A razão de tudo foi — diz elle — o frio, que criou uma situação «extremamente difficil» no abastecimento do exercito. E acrescenta: «nem o alemão, nem o carro alemão, nem a locomotiva alemã estavam preparados para estas temperaturas extremas». E Hitler põe em confronto pela primeira vez a Campanha de 1941 com a de Napoleão: «aqueles que se encontram na frente leste, têm de contar com a sobrecarga psicologica que aniquilou em 1812 os exercitos francezes». Ora, a 9 de Junho de 1941, o correspondente do *Deutsche Allgemeine Zeitung* escreveu assim cha de orvalho:

«O caminho de Moscovo é longo, mas a confiança de Estaline no espaço, o aliado da Rússia e o seu consoldador de outrora, parece ter-se reduzido consideravelmente. Adolfo Hitler não sabe avaliar o que se avizava pelas estradas das estepes desertas, assaltado por enxames de cossacos; e confiando exclusivamente num exercito reunido por acaso. Agora é completamente diferente. Esse parrelito que, logo desde os primeiros dias, os Sovietes, e os Ingleses e os Americanos encontraram, reduziu-se a nada só pelo facto de que por detrás da fronteira nós encontramos exercitos de assalto, ao passo que Kutusov em 1812 se furtou ao ataques».

«A profecia critica do sr. tenente-coronel Leo Portela já demonstrou nesta revista como Timochenko preveniu a batalha de Moscovo em 1941, e a ganhou. Hitler afirma que foi o frio — o inimigo — quando quatro semanas antes, podia prevêr-se que as operações estavam a terminar. Sabe-se que a alto estado-maior alemão desejava auster a marcha por alturas de Esmoleno. A demissão de Von Brauchitch e dos seus generais, ocorreu depois da ofensiva sem limites previstos e desejados, por determinação do Führer. Percebese claramente, dantes destes factos, o sentido destas suas palavras: «Vós comprehendereis e por consequência approvareis certamente as medidas draconianas que tomei para dominar, com uma resolução de aço, uma situação que poderia atropitar-nos». Von Reichenau levou para a morte o resto que a história por enquanto não disse. Mas na verdade, as explicações de Adolfo Hitler foram tão oportunas como inadiváveis.

TUDO POR TUDO



MUSSOLINI

A última parte do discurso do Führer liga-se a esta. Trata-se ainda de explicar, ou de responder a interrogações. Hitler, depois de enaltecer, e com toda a justiça, o soldado — combatente de leste, e de se referir, em seguida aos officiaes, incluindo os generais, sem menção do Supremo Comando e das grandes forças militares que o compõem, fez uma promessa:

«Sob o ponto de vista da organização, tomei todas as medidas necessárias a fim de evitar a repetição de certos estados de coisas. Os caminhos de ferro alemães poderão no próximo Inverno realizar melhor as suas tarefas onde quer que seja, começando pelas locomotivas, até aos carros de assalto, tractores, camiões, etc. O exercito será ainda melhor aparelhado, mas para um homem isolado, o situação não será tão difficil como a que elle viveu, mesmo que uma tal catástrofe se produzisse. Isto graças às experiencias adquiridas até agora».

Antes, elle garantira: «será no campo de batalha de leste que se decidirá a sorte». A hipótese de um novo inverno all, fica posta pelo chefe alemão.

E exige então a confirmação dos poderes, para uma mobilização integral dos sacrificios. E porque move ao espanto que ela seja precisa a quem, como elle, sempre esteve em sua mão, e disciplinariamente tem usado destes poderes, Hitler corajosamente aponta os factos que na frente e na retaguarda o devem justificar perante o povo alemão.

E eis o primeiro:

«Foi preciso para a obtenção destes gigantescos exitos realizados por estas formações que eu intervisse em alguns casos isolados. Foi somente em occasões em que os nervos não agüentavam mais, em que a obediência era preferida e a falta do conhecimento do dever no cumprimento das tarefas fazia a sua aparição que eu tomei decisões rigorosas: — isto no direito soberano que eu julgo ter obtido do povo alemão».

E eis o segundo:

«No periodo actual em que se não pôde durante meses dar uma autorização de licença a toda a frente, ninguem alegou qualquer pretensão direito a férias. Declarou que elle proprio só teve três dias de férias desde 1933 e esperava que os magistrados alemães comprehendessem que a nação não existe para eles, mas que eles é que existem para a nação. Nesta relação, o Führer citou alguns exemplos de julgamentos demasiados indulgentes pronunciados contra criminosos dos mais vis, numa época em que desenas

de milhares de homens corajosos têm de morrer, para evitar à nação o seu aniquilamento. «Dora ávante sero exonerados das suas funções os juizes que não ponderarem as necessidades desta hora».

Portanto, o Führer exigiu que o Reichstag lhe confirmasse expressamente que «toda o direito legal de exigir a todos o cumprimento dos seus deveres e para todo aquele que elle tenha verificado, após um exame consciencioso, que o não fez, ou condemná lo à excreção deshonrosa, ou retirá-lo das suas funções, quer quer que sejam os seus directos subordinados». E acrescentou: «Vou até ao ponto de pedir isto, porque se trata de raros elementos entre milhões de homens».

Trata-se, como se vê, de medidas drásticas, de uma combinação ameaçadora e latitudinária, imperativamente lançada a um mal-estar que na frente, nas retaguardas interiores, nos países occupados, a psicologia alemã accusou. Isto, porém, só pode ser estranhado se o compararmos com afirmações retundas e frontais, inibidamente feitas por certos organismos de propaganda de que a guerra deixaria indemne de desastres todos os mortos o povo alemão, de que os planos alemães, ao contrário de todos os planos humanos, são infalíveis. Porque, quanto a tudo o mais, não pode causar menor estranhamento se o verificamos em casos semelhantes nos países aliados. A guerra não poupa ninguém. Previstou-se para além de todas as previsões e sistemas. Hitler está diante de uma situação imprevisível e faz como o único chefe responsável, numa hora de perigo, o que tem de fazer.

Logo a seguir, um telegrama de Trento, noticiava uma entrevista d'ele com Mussolini no dia 30, na presença do Conde de Ciano. Um importante conselho realizára-se no Quirinal, ao qual compareceu o rei e os conselheiros militares. E concluiu as intimações hitlerianas, o Duce declarava a 88 prefeitos:

«O mais importante de todos os problemas é o da alimentação. As dificuldades provêm de uma série de elementos: aumento normal da população devido às anexações, regime alimentar relativamente privilegiado das forças armadas e socorro às populações de certos territórios occupados. Tudo isto junto ás dificuldades de transporte e de importação bem como ao facto das colheitas terem sido mediores nos últimos anos, impôs a adopção do racionamento, particularmente do pão, racionamento que atinge, aliás, até ás fronteiras».

A mobilização civil dos trabalhadores foi decretada. Para norte e para sul dos Alpes, a realidade é a mesma, concretizada na necessidade de um esforço supremo e num alto nível de intensidade para vencer na frente. O ano de 1942 tem muitos aspectos que recordam os de 1917 e de 1918, para os dois grupos beligerantes.

ESPERA VISTE

Grande romance policial do escritor americano

Max Teller

Especial para a *Vida Mundial Ilustrada*

(Continuação dos números anteriores)

Capítulo XIX

O COFRE ELECTRIFICADO

S visitantes — Charles Read, Jack Harman e Georges Marly — foram introduzidos numa sala luxuosa do primeiro andar do palácio de John King.

— Queriam esperar um momentos que «miss» Maud não tardá — disse o criado do que a conduzia, inclinando-se e retirando-se em seguida.

Sentaram-se os três, silenciosos, entretendo-se com certos assuntos. Maud não esperava a presença de Georges Marly, que ela não conhecia, mas que o polícia achava conveniente que os acompanhasse.

Charles Read, antes de dirigir-se a residência sumptuosa do milionário, passara pelo hotel onde o inglês se hospedava a fim de lhe entregar pessoalmente a fórmula aprendida a Cristian Ranzar.

O grande industrial lançou avidamente a mão ao caderno que o polícia lhe entregava e, logo esquecido de tudo o que cercava, se entonou no exato estado dos planos. Durante mais de uma hora, leu e releu, fez contas, deu punhadas na mesa, resumindo palavras incompreensíveis, ante o silêncio dos «detectives», até que, por fim, soltando um grito de triunfo, disse:

— Já está!... O patife ocultara-me uma das operações essenciais. Por isso, umas vezes, as experiências me davam excelente resultado e outras falhavam extraordinariamente. Agora compreendo tudo. Está tudo perfeitamente claro...

Meteu o caderno no bolso interior do casaco e, em seguida, pegando na sobrecasaca que já estava em cima de uma mesa, devidamente endereçada a «Mister» Charles Read, «grande «detective» norte-americano», entregou-o ao polícia, dizendo, não sem uma pontinha de comotio:

— Queira aceitar esta pequena lembrança minha e desculpar a insignificância. Há serviços que não têm preço, e o que o senhor me prestou a mim dá. Por isso, apenas lhe quero dar uma pequena recordação, felicitando-o e aconselhando-o a que prosiga numa carreira tão brilhantemente começada.

Charles Read agradeceu, mais penhorado pelas palavras gentis do inglês do que pelo valor da «descoberta da oferta. Depois de tirar uma agradável impressão, inquiriu:

— «Mister» Marly telegrafou ao marajah?

— Conto ainda esta noite receber uma resposta — respondeu o industrial.

— Está convencido de que o homem vai ficar sócio de contante?

— Bem — disse o «detective» — «Agora preciso ainda de que me auxilie num passo melindroso das minhas diligências. A estera do «cofre» ainda não está em meu poder. Mas necessito da sua presença para a lançar a mão, de contrário arriscamo-nos a perdê-la para sempre. O actual possuidor é John King.

— É um rival meu... — murmurou Marly, aprensivo.

— Não importa...

— Mas rigeio que ele veja na minha atitude qualquer má vontade, ou intuito de perseguição — objectou o industrial.

— Eu saberei pôr as coisas em prazos limpos — ouviu Charles Read. — Pelo caminho contar-lhe-ei tudo em pormenor. Venha comigo, se quer prestar um serviço completo ao seu amigo marajah.

— Depois do que o senhor fez por mim, nada lhe posso recusar. Disponha de mim inteiramente. Estou às suas ordens.

E ali estavam no palácio do milio-

pressionado com a beleza da jovem, que parecia um pouco descomposta em encontrar três visitantes onde julgava vir achar só um.

Charles Read, retomando rapidamente o domínio de si mesmo, foi ao encontro das apreensões de Maud, pronunciando:

— Podemos conversar perfeitamente a vontade. «Miss» Maud. Os meus companheiros são de inteira confiança e qualquer dâles conhece as minhas investigações no caso da estera. A jovem pareceu um pouco má tranquilizada, e disse, num tom de voz doce e grave:

— O caso da estera está, creio eu, arromado.

O «detective» não lhe quis fazer,

a vida oculta durante algum tempo. Maud abriu uma pausa, com um suspiro, como se quisesse ocalear um suspiro. Charles Read aproveitou aquêle instante de silêncio para dizer:

— Eu tinha chegado, há poucas horas, precisamente a essa conclusão.

— O senhor sabe os trabalhos, os circuitos, as precauções que essa estera, a que meu pai atribui não sei que poderes extraordinários, trouxe a esta casa. Minha mãe, que tem pelo marido um grande respeito, não se atrevendo a espiar-lhe os actos, soufreu em silêncio os maiores despoets, entre os quais avultava o de ver uma amante de meu pai, instalada nesta casa. Meu pai parecia não querer abandonar essas amores. Sabe a quem me relira...

— Judy Gordon... — murmurou o polícia.

— Exactamente — confirmou Maud King — Essa mulher gozava-se no prestígio da estera, que trouzera para esta casa. Meu pai não a queria esconcorar, porque receava perder simultaneamente a estera que representava um quilibrio italiano. Logo por fortaldade, coincidiu com a entrada dessa zela insignificante em nossa casa, uma autêntica onda de prosperidade. A partir de então realizou-se os seus melhores negócios. Mas, infelizmente, sofria minha mãe os piores vexames, tendo que suportar a presença de uma mulher que ela sabia ser amante do marido.

— Foi então que nos ocorreu, a mim e minha mãe, primeiro, agarrar na misteriosa estera e ir lançá-la ao Hudson. Tinhamos a impressão de que, desaparecendo a estera, desaparecerá a influência nefasta dessa mulher sobre meu pai. Mas um recio supersticioso fazia-nos hesitar. Acudiu-nos então uma solução que podia realizar os nossos desejos, sem atentar a superstição, que, contudo, já começava a aboccor-nos também: esconder a estera, dando a meu pai a ilusão de que ela fóra roubada.

— E como a pudermos tirar do cofre electrificado? — inquiriu, muito interessado, Jack Harman.

— Não houve, felizmente, necessidade de abrir o terrível cofre — disse Maud, dirigindo-se a Harman que a servava com o tilhar. — Eu andava esperando a oportunidade de me apoderar da estera. Espiava os passos de meu pai e de Judy. Uma tarde em que elles estavam discutindo no escritório particular de meu pai, introduzime ali, logo que elles saíram juntos, la experimentar se o cofre estava realmente, electrificado. Mas não foi preciso realizar a experiência. A estera de aço estava ali, em cima da secretária, esquecida talvez, como que a deslucilar-se. Meu pai tem a ilusão de que elle furou com o cofre. Ele, porém, nunca se esqueceu; está tarde de a guardar. Apoderei-me dela e levei-a para os meus aposentos. E lá tem estado escondida até agora. Com efeito, pouco tempo depois, houve discussões entre meu pai e a amante, até que esta deixou de aparecer para sempre. Eu e minha mãe não sabemos se havíamos de fazer reaparecer a estera ou continuar a ocultá-la. Recorremos a quem o seu reaparecimento coincidisse o regresso de Judy. Só agora, tendo o desassossego de meu pai, e menos crente da volta de Judy, que supomos tenha saído da América, nos



Encaminhando-se para o quadro que ocultava o cofre, começou a tatear a parede...

nário, aguardando o momento de serem recebidos por Maud King.

A filha do milionário não se fez esperar muito tempo. Poucos minutos decorridos, entrava na sala onde os três homens se encontravam.

Charles Read, que ainda, em certos momentos, se deixava vencer pela sua natural timidez, avampou alvoroçado para a jovem, cumprimentando-a atabalhoadamente e fazendo em seguida a apresentação dos seus dois companheiros.

nesse momento, qualquer objectação. Deixou-a proseguir.

— Dessejar falar-lhe pessoalmente — profetisa ella — para, desta vez, com fundamento bem patente, lhe dizer que pode dar por lindas as suas investigações. A estera já appareceu. Meu pai poderá mostrar-lha, dentro em breve, se quiser ostentá-la por seus próprios olhos. O que o seu alicerça pediu, «mister» Read, era que não lhe revelasse o que o seu agora lhe vou confessar: a estera nunca foi roubada. Eu, de combinação com minha mãe, é que

Jack Harman mostrava-se muito im-

resolvemos a fazer aparecer a esfera. E aqui têm a história do suposto roubo, em toda a sua simplicidade.

— Essa explicação não nos surpreende — disse Charles Read, que escutava tudo muito atentamente.

— O que quero é pedir-lhes desculpa das moções que involuntariamente lhes temos dado — disse Maud — Compreenda agora o nosso empenho em que não se metesse em investigações inúteis.

— Indivíduos, não! — atalhou o polícia.

— «Miss» Maud não pode calcular até que ponto as nossas investigações foram úteis. A esfera de aço tem uma história que está agora perfeitamente esclarecida. Seu pai cometeu um objecto roubado, que terá de ser restituído ao seu verdadeiro dono.

— Mas isso vai causar a meu pai um grande desgosto! — exclamou «miss» Maud — Imagine quanto ele não se terá no momento em que se julga na posse definitiva da esfera, ter que a abandonar. Se eu a adivinhasse, continuaria a ocultá-la.

— Eu viria a descobri-la — afirmou o polícia, cheio de convicção.

A rapariga ficou um momento pensativa. Depois pronunciou:

— Acho melhor chegarem a um entendimento com o meu pai. É possível que ele queira comprar a esfera ao seu verdadeiro dono.

— À nossa intenção é discutirmos o caso, á boa paz, com «mister» John King — disse o polícia.

— Creio que o verdadeiro dono da esfera virá a Nova-York — pronunciou Marly, que permanecia calado até então — Talvez ele ceda a esfera a seu pai.

— Deus queira que sim! De contrário, quem iria aturar meu pai! — exclamou Maud. E acrescentou: — É conveniente não lhe revelar que a esfera esteve em meu poder. Eu nunca me perdooaria as preocupações que lhe tenho dado.

— Fique descansada, «miss» Maud. Nós sabemos ser discretos — prometeu o polícia. — Não podemos falar imediatamente a seu pai?

— Eu vou mandá-lo avisar da vossa presença — disse a jovem. — E, se me dão licença, retiro-me, para lhe dar o liudo de que estou perfeitamente alheada do assunto.

A rapariga despediu-se dos visitantes e saiu.

— É muito gentil — commentu Jack Harman, depois dela se ter retirado.

— Parece que ficaste laciado — commentu Charles Read, irónicamente.

— Só tenho pena de que ela seja milionária — disse Harman.

— Propunha-lhe casamento?

— Não posso aspirar a uma coisa tão alta — murmurou o rapaz.

— Nada é impossível neste mundo — sentenciou Charles Read.

Neste momento, o vulto de John King assomou á porta da sala. O seu rosto grave, iluminou-se com um sorriso acolhedor.

— Já sei que vem censurar-me pelo trabalho inútil que lhe dei — pronunciou ele, dirigindo-se ao «detective».

— Tenha paciência. A esfera appareceu. Parece que veio pelo seu pé. Tenho-a no meu gabinete no mesmo local, onde a encontrei; já lhe vou mostrar.

Charles Read apresentou os seus companheiros.

— «Mister» Marly? O célebre industrial? — exclamou o milionário.

— Em pessoa — disse o inglês.

— Começo muito de nome e é para mim uma honra recebê-lo nesta sua casa — pronunciou cordelmente John King. E acrescentou, num tom quasi familiar: — É melhor irmos para o meu gabinete. Estaremos lá mais á vontade.

E, tomando a dianteira, conduziu os seus visitantes através de duas salas luxuosas até ao gabinete, que Read já tinha já coberto de tapete de pêssego escuro. Lá estava o quadro do fundo que ocultava o cofre misterioso.

— Ora, aqui está a esfera diabólica — exclamou Charles Read. — Uma bola de metal acinzentado, que se via equili-

brada sobre o tempo da sua vosta secretária.

— E aqui está a pessoa que a fabricou — proferiu Charles, apontando «mister» George Marly.

John King quedou um momento atônito.

— Há coisas extraordinárias! — exclamou ele, por fim. — Estava bem longe desta surpresa...

— Pois é a pura verdade — afirmou Marly, apontando na esfera e mirando-a, como para se certificar de que era bem a bola que elle fabricara na presença do marajah. — Não há a menor dúvida. E esta mesma, imagine-se as histórias que elle objecto tem dado. Mas pensava eu, quando a fabricuei em Calcutá, que viria encontrá-la muitos anos depois, cheia de prestigio, em Nova-York, na posse dum colega...

O milionário mostrou-se a um tempo surpreso e agressivo. Charles Read observava-o discretamente, mas com grande attenção.

— «Mister» Marly pode contar-lhe a história da esfera de que o senhor é agora o detentor — disse elle.

King mandou sentar os visitantes. Marly, então, brincando com a pesada esfera entre as mãos, como se tivesse prazer em acariciar uma velha conhecida, contou a sua tentativa industrial em Calcutá, a visita do marajah, a oferta que lhe fizera, a dádiva da bola de prata, a sua partida para Inglaterra, e a sua anterior visita a Nova-York, o encontro com Judy e Raicor, as negociações sobre a fórmula, tudo, até aquelle instante em que voltara a encontrar a esfera.

O milionário escutou-o atentamente; quando Marly se calou, teve um comentário irónico:

— Se me dissessem que isso é um romance acedatário...

— Um romance da vida real — acaudiu o polícia. — Um romance que já levou Crisman Raicor á cadeia.

— Está preso o indú? — exclamou John King.

— Está — confirmou Charles Read, arguendo-se do seu «stautell», de má catadura, e dando alguns passos no gabinete. — Está preso porque foi elle o raptor de Dorothy, a irmã de Judy.

— Ah! — exclamou King. — Foi elle o raptor? Quem sabe se não será elle o culpado do desaparecimento de Judy?

— Não, o culpado não é elle — pronunciou bruscamente o polícia. E mostrando um papel escrito a tinta verde, disse, seco, rispido: — O culpado do desaparecimento de Judy é a pessoa que escreveu esta carta.

John King fêz-se horrivelmente pálido.

— Não compreendo onde o senhor que se chegar — murmurou.

O polícia teve um sorriso subtil e em tom mais calmo, disse:

— Não se recorda, «mister» King, de me ter dito que a pessoa que lhe vendeu a esfera, isto é a sua amante Judy Gordon, estava morta e bem morto?

— Sim... Sim... Disse isso por dizer... Era a minha convicção... titubeou o milionário. E tentando recompor-se: — E agora ainda mais profunda é a minha convicção. Se Raicor raptou Dorothy... Cesteiro que faz um cesto...

— Não! — bradou o polícia. — Raicor não queria Judy, morta, queria-a viva! E encaminhando-se para o quadro que occultava o cofre, começou a latetar a parede.

— Que está o senhor a fazer! — exclamou King. — Olhe que está electricidade...

Nesse momento o quadro principiava a girar, deixando a descoberto a parede cinzenta do cofre.

— Não toque no apo! — gritou o milionário.

Charles Read soltou uma gargalhada e ordenou-lhe:

— Ou o senhor abre o cofre imediatamente ou... abro-o eu!

Neste instante, trompeu pelo gabinete a figura esbelta de «miss» Maud King, a clamar, atônada:

— Suspenda, Charles! Suspenda!... E cutu inanimada nos braços de Harman, que correa a tempo de lhe evitar a queda.

(Conclue no próximo número)

Vida
MUNDIAL
ilustrada



O CHEFE DO ESTADO visitando o «Rosaral de Lisboa», do Jardim Zoológico, acompanhado pelos membros da Direcção de Jardim e outros convidados.



O PROF. FEZAS VITAL recentemente ao sr. Pastor de Macedo o prêmio «Julio de Castellos», durante a sessão recontece efectuada na Câmara Municipal.



WANDA OSTROWSKA, grande artista polaca, interessantissimo temperamento de pintora e desenhadora, inaugurou recentemente, na rua Nova da Trindade, 3, uma magnifica exposiçao de quadros sobre motivos portuguezes, onde se encontram verdadeiras maravilhas. Lisboa, Pôrto, Sintra e muitos outros pontos do Paiz inspiraram-lhe lindos motivos, trabalhos de alto valor dignos de serem admirados. A foto mostra a pintora junto dos seus quadros.



NAS MURALHAS dum castelo nor-
mando da costa da Inglaterra, uma
sentinela vigia... O perigo da invasão
— dizem-no os homens públicos ingle-
ses — é tão iminente agora como há
dois anos. — (Foto «Britanovra».)